

Hart propõe mais cooperação com AL

O ex-senador norte-americano Gary Hart defendeu ontem uma nova política externa para os EUA, de maior cooperação entre aquela nação e os países latino-americanos, a fim de buscar novas formas para solucionar o problema do endividamento externo da região e dos demais países em desenvolvimento. Saliendo que os bancos deveriam saber que será difícil o recebimento total dos débitos, Hart pregou a transformação de parte dos créditos dos bancos internacionais em investimentos, a fim de garantir o desenvolvimento dessas nações.

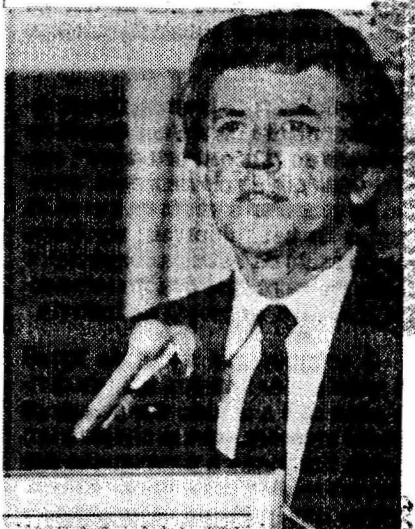
Falando a uma platéia de 240 empresários e dirigentes de empresas norte-americanas instaladas no Brasil, durante almoço da Câmara Americana de Comércio, o ex-senador e candidato à indicação pelo Partido Democrata para concorrer às eleições presidenciais naquele país, Hart criticou a política isolacionista praticada pelos EUA e pelas nações desenvolvidas. Segundo ele, a nova política externa que os EUA deveriam adotar teria de ser baseada em três pontos principais: reconhecimento de que uma política econômica é a parte essencial de sua política externa; fortalecimento das alianças e parcerias dos EUA, com base na igualdade entre as nações e não na dependência; e engajamento no desenvolvimento mundial, de maneira a permitir a abertura das sociedades e oportunidades econômicas.

Dentro dessa nova estratégia, Hart disse acreditar que os EUA obteriam melhores resultados, apoiando o Grupo de Contadora, na obtenção de acordos para a estabilização política e desenvolvimento econômico na região da América Central.

Ressaltando que a crise internacional da dívida não compromete apenas o crescimento econômico global, mas também impede o

nascimento de novas democracias. Hart disse que não se pode deixar que este problema prejudique a democracia brasileira. Disse também que o problema do endividamento do País não deve ficar limitado às próximas rodadas de negociação com os credores para resolver o problema de curto prazo. Ao contrário, em sua opinião, serão necessários novos mecanismos de financiamento, taxas de juros menores e outras condições para que os países devedores como o Brasil tenham um certo período de alívio, para que se possam desenvolver. E neste caso, prosseguiu, os bancos norte-americanos e de outros países terão de dar sua cota de contribuição, porque apenas os empréstimos de curto prazo, para resolver os problemas imediatos, não são suficientes.

Citando um levantamento segundo o qual nos últimos cinco anos os países latino-americanos transferiram aos credores US\$ 132 bilhões, Hart disse que, "se desejamos ver a situação piorar, basta deixarmos as coisas como estão".



R. Manente

Hart critica isolacionismo